



# Lessing quintessencial: um pouco da lucidez iluminista para a contemporaneidade

---

*Simone Homem de Mello*

---

*Lessing: Obras (Crítica e Criação)*, de J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (orgs.),  
São Paulo, Perspectiva, 2016, 688 pp.

Uma das dificuldades que o público leitor brasileiro encontra para formar uma imagem representativa de um escritor estrangeiro é a tendência de o mercado editorial publicar apenas livros e não autores. Excetuando-se alguns projetos editoriais específicos, raramente se tenta apresentar a trajetória de um escritor estrangeiro – seja ele clássico ou contemporâneo –, de modo que o leitor dependente das publicações em língua portuguesa do Brasil tenha uma visão panorâmica de sua obra. Um desses projetos editoriais, dedicado aos clássicos de antes e de agora, é a coleção *Textos*, da Editora Perspectiva, que acaba de lançar um volume sobre um dos expoentes do Iluminismo na Alemanha, Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781).

Assim como outros volumes da coleção – que abarca diferentes épocas, gêneros e espaços linguísticos e apresenta autores por meio de uma seleção de obras-chave traduzidas, ao lado de informativo aparato crítico –, o livro organizado por J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela inclui a obra dramática tardia, além de textos filosóficos e críticos do autor setecentista alemão. Intitulado *Crítica e Criação*, o volume das obras de Lessing reúne suas três últimas peças – *Minna von Barnhelm ou a Sorte do Soldado* (1767), *Emília Galotti* (1772) e *Natã, o Sábio* (1779) –, *Laocoonte ou Sobre os Limites da Pintura e da Poesia* (1766) – texto canônico sobre a relação interartes –, bem como uma amostra de textos críticos da *Dramaturgia de*

*Hamburgo* (1767-1769), além de uma breve seleção de textos mais breves do autor.

Trata-se de mais uma publicação da coleção *Textos* – com 18 de 35 volumes dedicados ao gênero dramático –, que coloca em circulação peças de teatro, destacando seu valor como texto literário (algo também pouco usual no cenário editorial de hoje). O livro dedicado a Lessing, com sua seleção de peças que ainda fazem parte do repertório dos palcos contemporâneos alemães, testemunha um importante momento da história teatral na Alemanha: as primeiras iniciativas de constituição do drama burguês alemão na segunda metade do século XVIII, em repúdio ao modelo classicista francês e à sua respectiva interpretação das regras aristotélicas. Opondo-se aos cultivadores francófilos da *tragédie classique* na Alemanha, desde o crítico e dramaturgo Johann Christoph Gottsched até Frederico II da Prússia, em cuja corte veio a conhecer pessoalmente Voltaire, em 1748, Lessing empenhou-se – como dramaturgo, dramaturgista e crítico de teatro – em conceber uma nova literatura dramática que propiciasse uma proximidade maior com o espectador. Isso começava pelo enredo, pela criação

**SIMONE HOMEM DE MELLO** é escritora e tradutora literária.

de personagens em grande parte provindos de círculos burgueses mais familiares ao público e pela criação de conflitos motivados por discrepâncias de classe, de *status* social e de orientação religiosa. É justamente a “naturalidade” da estratificação social do século XVIII que as peças tardias de Lessing, repletas de personagens não aristocráticos vitimados pelas formas absolutistas de poder, questionam por meio da atitude de seus heróis livre-pensantes.

As duas peças de Lessing intituladas segundo suas heroínas, a comédia *Minna von Barnhelm* (1767) e a tragédia *Emília Galotti* (1772), mostram, respectivamente, como um soldado reformado após a Guerra dos Sete Anos e injustamente despojado de suas riquezas acaba readquirindo seu *status* pela reversão dos fatos e até mesmo elevando-o, com os planos de casar com uma moça da aristocracia, e como a filha de um militar, às vésperas de seu casamento com um aristocrata, acaba sendo arruinada por um príncipe decidido a impor o seu desejo a qualquer custo. Em ambos os casos, trata-se de personagens na iminência de se deslocarem de estrato social, sendo que a comédia termina com a perspectiva de ascensão do soldado e a tragédia, com a queda da protagonista. Em ambos os casos, o domínio arbitrário da nobreza se contrapõe à moral da burguesia, com seus ideais iluministas: para escapar a uma desonra, o soldado reformado se dispõe a viver na mendicância, enquanto a jovem noiva é sacrificada pelo pai diante da ameaça de perder sua honra nas mãos do príncipe.

A peça *Minna von Barnhelm*, cuja estreia ocorreu em 1767 no Teatro Nacional de Hamburgo, onde Lessing trabalhou como dramaturgista até o seu fechamento, em 1769, foi inicialmente ameaçada de proibição pela censura, mas após a liberação se tornou um sucesso de público. Qualificando-a como “um meteoro brilhante”, Goethe chegou a destacá-la como o ponto mais alto no contexto dramático alemão de sua época. *Emília Galotti*, por sua vez, é considerada a primeira tragédia do drama burguês alemão, uma peça na qual Lessing rompe programaticamente com a “cláusula dos estamentos” prescrita por Gottsched em imitação ao teatro clássico francês, segundo a qual a tragédia só poderia ser protagonizada por reis, príncipes e nobres

de alta hierarquia. Em oposição a isso, Lessing cria personagens bem mais mundanos, movidos por dilemas interiores a culminarem numa intensidade dramático-psicológica antecipadora de aspectos do teatro pré-romântico do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto). Em *Emília Galotti* (peça que já havia sido traduzida no Brasil por Karin Volobuef e publicada em 2010 pela Editora Hedra), também se nota uma mistura de registros linguísticos até então inédita no teatro alemão.

Em sua (re)tradução das peças de teatro de Lessing incluídas no volume 34 da coleção Textos, os organizadores J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela alcançam uma dicção que faz jus ao dinamismo textual do autor, sem apagar a pátina temporal que cobre seus textos. Em sua “Nota de Edição”, os tradutores declaram ter evitado “adaptações modernizantes que pudessem descolorir as formas originais, de notável sobriedade”. Dessa forma, dispensam recursos linguísticos mais atuais que pudessem reduzir o prazo de validade da tradução. Como em inúmeros outros trabalhos tradutórios de J. Guinsburg, nota-se – também nestas peças traduzidas – que a manutenção da complexidade sintática e discursiva do texto setecentista não compromete a diretividade e a engrenagem rítmica do fluxo textual.

Entre as peças de Lessing incluídas na antologia, *Natã, o Sábio* se distingue por ser um poema dramático em versos brancos, composto – portanto – em pentâmetros iâmbicos não rimados. O *blank verse* inglês, que já começara a aparecer na literatura traduzida para o alemão no final do século XVII e já fora adotado esporadicamente por autores como Wieland, veio a conquistar seu espaço definitivo na poesia dramática alemã justamente com o *Natã* de Lessing, tendo sido posteriormente praticado também por autores como Goethe, Schiller e Kleist, entre outros. A tradução brasileira agora publicada opta pela prosa, abdicando do recurso métrico, sem – no entanto – eliminar o caráter poético do texto. Por meio disso, a tradução tende a acentuar o potencial dramático-conversacional e reduzir a estaticidade de uma peça que já foi qualificada como “drama de ideias” e chegou a decepcionar o público pela escassez de ação em sua estreia póstuma, em 1783, em Berlim.

Com o protagonista de *Natã, o Sábio*, Lessing prestou sua homenagem ao amigo e interlocutor

Moses Mendelssohn, expoente do chamado Iluminismo judaico (*Haskalá*). Na peça, o dramaturgo alemão elabora literariamente a sua defesa iluminista da convivência pacífica entre as religiões, após ter sido proibido de publicar textos referentes ao âmbito religioso – uma represália advinda da chamada Polêmica dos Fragmentos (*Fragmentenstreit*), a mais significativa disputa teológica do século XVIII na Alemanha, que polarizou os intelectuais iluministas e a teologia luterana ortodoxa. “Reconhecer um deus, tentar formar as mais dignas noções dele, levar em consideração essas noções dignas em todas as nossas ações: essa é a mais completa síntese de toda religião natural”: é assim que Lessing define – em “Sobre o Surgimento da Religião Revelada” (“Über die Entstehung der geoffenbarten Religion”, 1762-63) – o fenômeno da religiosidade anterior ao estabelecimento de um contrato social. Essa religião natural, que pode ser descoberta espontaneamente por todo ser humano, é – segundo Lessing – o único elemento que poderia ser considerado verdadeiro nas chamadas religiões positivas, criadas depois, coletivamente e por convenções. Para Lessing, estas não podem comprovar o seu teor de verdade, pois as religiões positivas não seriam nem verdadeiras, nem falsas. É com esse posicionamento que o pensador concebe o seu poema dramático *Natã, o Sábio*. A peça, passada em Jerusalém durante a terceira cruzada (1189-1192), funciona como uma engrenagem de ações entre indivíduos de diferentes religiões positivas que compartilham – por fim – a mesma religião natural e uma sensibilidade ética relativamente análoga: um comerciante judeu, um sultão muçulmano e um cristão cavaleiro templário. Não é à toa que essa peça, uma apologia da igualdade e da convivência pacífica entre as religiões, foi proibida de ser encenada nos palcos da Alemanha nazista, além de ter sido excluída do cânon de leitura escolar durante o Terceiro Reich.

O aparato crítico por vezes minucioso dos textos em questão ou do contexto de sua produção ressalta de modo ainda mais marcante a dimensão histórica das peças de Lessing. Precedidas por uma cronologia de acontecimentos biobibliográficos referentes a Lessing e de ocorrências históricas relevantes em seu período de vida, bem como por uma notícia biográfica do autor e pelo ensaio intro-

dução dos organizadores (“Crítica e Criação”), as peças traduzidas podem ser compreendidas dentro de seu contexto historiográfico-literário, ao mesmo tempo em que podem ser fruídas como obras dramáticas perfeitamente encenáveis ainda hoje. Apesar da coloração de época perceptível na linguagem do original e da tradução, as peças surpreendem pela atualidade de certos elementos. O fato de Lessing assimilar elementos da *commedia dell’arte* – seja na caracterização de personagens em *Minna von Barnhelm* ou na reversão da estrutura dessa forma dramática popular em *Emília Galotti* – e o fato de o autor permitir a interferência de efeitos melodramáticos remetem o leitor dessas peças à persistência de certas constantes nos gêneros cômicos e trágicos populares até hoje. Quanto a *Natã, o Sábio*, mesmo a tradução em prosa não chega a eliminar a dose de estranhamento desse “drama de ideias” inspirado em *Le Fils naturel ou les Épreuves de la vertu, comédie suivie des Entretiens sur le Fils naturel* (1757), de Denis Diderot. Muito pelo contrário, a atualidade dos conflitos religiosos abordados na peça torna a sua leitura, ainda hoje, mais que oportuna e esclarecedora. A possibilidade de se poderem assimilar concomitantemente o valor histórico das obras e seu efeito estético é assegurada pela concepção editorial, com sua escolha certa de textos, seu aparato crítico bem selecionado e suas traduções precisas.

A segunda parte do livro oferece os pressupostos teórico-críticos que permitem contextualizar com mais precisão a obra de Lessing dentro do Iluminismo europeu. A seleção de artigos da *Dramaturgia de Hamburgo* – obra em que Lessing compila suas críticas de teatro escritas como dramaturgista do Deutsches Nationaltheater de Hamburgo, entre 1767 e 1769 – prioriza o repúdio do autor à poética dramática vigente na Alemanha, representada por J. C. Gottsched e extraída sobretudo do modelo classicista de Corneille e Racine, bem como sua discordância da interpretação das normas aristotélicas pelos dramaturgos franceses. Como complemento a essa amostra de textos sobre a arte teatral, a edição também reúne alguns textos fundamentais de uma extensa obra crítica escrita em forma epistolar e publicada semanalmente ao longo

de mais de 50 anos (1728-1781), em colaboração com o editor e escritor Friedrich Nicolai e com o filósofo Moses Mendelssohn: *Briefe, die neueste Literatur betreffend* (*Cartas Referentes à Mais Recente Literatura*). Todos esses escritos contextualizam de forma ainda mais precisa a contribuição de Lessing para a estética literária europeia do Iluminismo.

É *Laocoonte ou Sobre os Limites da Pintura e da Poesia* (1766), no entanto, que constitui o texto mais influente de Lessing no domínio da teoria da arte, representando um marco fundamental na reflexão sobre questões de intermídia. Anteriormente publicado pela Iluminuras em 1998, na tradução de Márcio Seligmann-Silva, o *Laocoonte* – retraduzido agora por J. Guinsburg e por Samir Signeu para o novo volume da coleção Textos e acompanhado de um glossário bastante completo, elaborado por J. e Gita K. Guinsburg – dá a dimensão do universo de referências da teoria de arte no século XVIII. A apreciação comparada da literatura como arte temporal e das artes plásticas como artes espaciais, realizada por Lessing nesse escrito, serve de referência histórica até hoje para a teorização interartes. Assim como a *Dramaturgia de Hamburgo*, o *Laocoonte* é precedido, nesta edição, por um texto – como sempre lúcido e livre-pensante – de Anatol Rosenfeld.

O 34º volume da coleção Textos da Perspectiva, finalizado com um ensaio de Newton Cunha sobre o Iluminismo e o spinozismo, pode ser considerado o melhor acesso à obra de Gotthold Ephraim Lessing no Brasil. Destinado não apenas a profissionais e interessados das áreas de teatro, teoria da arte e da literatura, germanística

e estudos da tradução, o volume das obras de Lessing – sobretudo suas três últimas peças de teatro – oferece parâmetros históricos para diversas questões da contemporaneidade, como, por exemplo, a luta do indivíduo contra estruturas de poder ou os conflitos de ordem religiosa. Com a lucidez atemporal de um Montaigne, Lessing abre – em *Natã, o Sábio*, por exemplo – um campo polifônico de reflexão, testemunho concreto da cultura alemã de polêmica para a qual ele sempre contribuiu ativamente.

O lançamento de mais este volume da coleção Textos da Editora Perspectiva também chama a atenção para o trabalho de garimpo do editor J. Guinsburg na publicação de obras de Jorge Andrade a Sch An-Ski, de Púchkin a Thomas Mann, de Pirandello a Heiner Müller, de Spinoza a Diderot, de Büchner a Canetti. A iniciativa editorial de publicar diversas obras de um autor em um mesmo volume, mesmo sob o risco de muitas passarem despercebidas dentro da coletânea, revela o interesse pela apresentação da trajetória de autores e não apenas pela promoção de livros isolados. Outro mérito da coleção é valorizar os textos dramáticos em sua literariedade e incentivar a sua leitura, um hábito que cada vez mais se restringe a especialistas da área. E, por fim, ainda seria importante destacar o projeto de combinar a tradução de textos literários com um aparato crítico que proporcione a profissionais e interessados um acesso qualificado às obras em questão. Em tempos de fácil acessibilidade à informação e de pouco tempo-espaço para a sua elaboração, a coleção Textos funciona – mais do que nunca – como um importante canal de formação do leitor.